


Violência nas relações interpessoais: Análise dos discursos de ódio

 <https://doi.org/10.56238/sevened2023.002-010>

Joyce Karolyne Ribeiro de Andrade

Especialista em Saúde da Família na Atenção Primária à Saúde
Unidade Básica de Saúde “Americanópolis”, São Paulo / SP

Georgina Carolina de Oliveira Faneco Maniakas

Pós-Doutora: Centre de Recherches Psychoanalyse et Médecine - Université Paris VII.
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / SP

RESUMO

Este estudo objetivou investigar os elementos psicossociais envolvidos na propagação dos discursos de ódio através da perspectiva freudiana da cultura. O corpus selecionado foi o de 9 comentários ofensivos publicados no Facebook acerca de 3 diferentes notícias envolvendo a violação de direitos humanos. Os discursos de ódio são construídos a partir de generalizações sobre grupos sociais específicos. A cultura projeta sobre os indivíduos normas e valores provenientes de determinados momentos históricos e formações ideológicas; então, ao acreditarem expor um ponto de vista particular, apenas o estão reproduzindo. A disseminação dos discursos não necessariamente indica que atualmente exista mais intolerância ou preconceitos contra grupos sociais minoritários, pois estes sempre constituíram parte da estrutura social. A sociedade passa por um momento histórico em que determinados conteúdos, outrora reprimidos, podem, por meio da internet, aparecer sob a forma de discursos de ódio.

Palavras-chave: Violência interpessoal, Discursos de ódio, Psicanálise.



1 INTRODUÇÃO

O cenário nacional atual encontra-se permeado por trocas gratuitas de ódio e intolerância, que ocorrem majoritariamente por meio de redes sociais. Em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), Freud reforça o quanto a cultura humana inflige às pessoas uma sufocação pulsional, por todas as suas exigências e privações. Uma vez que os seres humanos não conseguem viver em isolamento, para que haja um bom convívio social é necessário que alguns sacrifícios sejam realizados. A vida em sociedade produz um incontável número de frustrações, de forma que todo indivíduo torna-se um inimigo da cultura em potencial. Por conseguinte, para que a ordem social vigente se mantenha em funcionamento, um conjunto de estratégias coercitivas da própria cultura cumpre esse papel: suas normas, instituições e mandamentos.

Uma das formas de lidar com o desprazer advindo das restrições impostas pela cultura e pela finitude da vida se dá por meio da religião. Enquanto agência de controle social, a instituição religiosa tende a moralizar e individualizar questões de cunho coletivo, reduzindo questões sociais a dilemas morais. Ainda assim, exerce o papel de única fonte de consolo para muitas pessoas, sendo indispensável a estas como auxílio para suportar a vida (FREUD, 1927). Todavia, se por um lado a religião protege o indivíduo de uma neurose individual por meio de adaptação e proteção contra o sofrimento, por outro falha ao prejudicar a autonomia das pessoas, já que imputa a todos o mesmo caminho a seguir (FREUD, 1930). Na medida em que a religião possui, em dados contextos, exacerbado poder de influência sobre os indivíduos e que advoga valores fundamentados sobre proibições, suas instituições não somente garantem a perpetuação de valores tradicionais, como também contribuem – ainda que indiretamente - para a manutenção de preconceções, moralismos e, conseqüentemente, discursos de ódio.

Segundo Freud (1930), a liberdade individual não constitui um patrimônio da cultura, já que esta impõe sobre os indivíduos diversas restrições em nome da vontade da massa. Então, grande parte dos conflitos da humanidade teria como reivindicação a tentativa de conciliar as demandas individuais e as exigências culturais da massa, encontrando um meio termo que satisfizesse ambas as partes. A incoerência subjacente à noção de liberdade individual é a de que muitas pessoas utilizam-na como “autorização” para o desrespeito a outrem: afirmando serem apenas a expressão de uma “opinião pessoal” vociferam atrocidades. Nesse sentido, em *O Mal-estar na Civilização* (1930), Freud afirma que os seres humanos são dotados de uma grande quota de agressividade. Logo, o próximo não seria apenas um potencial auxiliar ou objeto sexual, mas também um objeto sobre o qual é possível satisfazer toda a agressividade subjacente. Além disso, a prática das mais diversas perversidades e atos proibidos teria uma explicação econômica, pois a quantidade de satisfação pulsional encontrada nas pulsões selvagens (aquelas que não foram domadas pelo eu) é maior do que a satisfação proporcionada pelas pulsões já submissas ao princípio da realidade.

A situação torna-se ainda mais complexa quando o indivíduo, imerso na massa, encontra um objeto comum para a descarga de agressão, permitindo-se perpetrar contra ele quaisquer barbaridades. O que, afinal, leva um indivíduo a abandonar os seus princípios, a suspender as suas inibições, a sua capacidade de julgamento e entregar-se à irracionalidade da massa?

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) Freud tenta entender porque um indivíduo, imerso na massa, age de modo tão distinto da maneira como agiria se estivesse sozinho. Ou, por qual razão um agrupamento de pessoas adquire a capacidade de exercer influência determinante sobre o funcionamento psíquico de cada indivíduo isolado.

Ao observar os indivíduos que compõem uma massa, verifica que: 1) por mais diferenciados que sejam em seus modos de vida, ocupações, caráter, inteligência, eles passam a agir, pensar e sentir de um modo uniforme; 2) agrupam-se em torno de um objeto comum, que une a todos e orienta sua capacidade de se influenciarem mutuamente.

A partir dessas constatações, Freud (1921) afirma que a essência da formação da massa consistiria em ligações libidinosas recíprocas (de tipo não sexual) entre seus membros, o que seria confirmado por restrições ao amor próprio narcisista e pela resignação do ideal (individual) do eu a um ideal de massa, corporificado na figura de um líder.

O ideal do eu é um dos produtos da identificação - a mais precoce exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa, herança de uma época arcaica do desenvolvimento infantil. Como o domínio sobre as influências e exigências do meio demandam a presença de um outro, aos poucos ocorre uma identificação do sujeito com aquele que domina as exigências da realidade e lhe assegura a existência. Na medida em que esse outro é incorporado pelo psiquismo ocorre uma divisão na organização interna do eu, resultando na constituição de uma outra instância, o ideal do eu - que pode, inclusive, pode conflitar-se com o próprio eu.

Em termos coletivos, o líder da massa seria um resquício do temido chefe da horda primitiva, uma espécie de “pai primordial” sobre quem se configura um ideal coletivo. Ao líder se atribui o governo de todos os *eus* em substituição ao ideal do eu de cada um. Por meio desse ideal, os membros do grupo abandonam suas singularidades e se identificam uns com os outros. São, portanto, as ligações afetivas que soldam as massas e mantêm a coesão do agrupamento, sendo que o objeto comum ocuparia o lugar de um ideal na economia psíquica de cada um.

Na medida em que a segregação do grupo pode representar uma ameaça à sobrevivência, quando o indivíduo está sozinho sente-se incompleto. Pela angústia que a separação causaria, o indivíduo evita opor-se ao rebanho, que desautoriza tudo o que é novo ou incomum.

Ademais, o que se conhece como *espírito comunitário* derivaria de uma inveja original: nenhum indivíduo deveria querer se destacar em relação aos outros, pois todos teriam que ser iguais e possuir as mesmas coisas. Consequentemente, a *justiça social* representa a ideia da renúncia a muitas

coisas com o intuito de que, de mesmo modo, os outros também o façam, ou que, pelo menos, não possam exigí-la. Essa premissa de igualdade é o que fundamenta a consciência moral social e o sentimento de dever (FREUD, 1921). Portanto, o sentimento de impunidade frente aos diversos crimes noticiados pelas grandes mídias produz na massa o desejo de, por meio da punição, cercear os supostos privilégios que os indivíduos infratores teriam sobre eles. A massa, desprovida de criticidade e com a livre circulação de suas moções hostis, não se propõe distinguir entre fatos e boatos. Inconscientemente, essa atitude pode estar ligada à expressão de um desejo de também ter acesso a esses “privilégios” e de poder praticar crimes sem sofrer nenhum tipo de condenação.

Levando em consideração o exposto, objetivou-se investigar, a partir do referencial teórico psicanalítico, os elementos psicossociais envolvidos na violência interpessoal, mais especificamente sobre o fenômeno social da propagação dos discursos de ódio. Por meio do dispositivo teórico da Análise do Discurso da Escola Francesa e da leitura sistemática de textos selecionados da obra freudiana, bem como de outros autores pertinentes, foram analisados 9 comentários ofensivos feitos por internautas em 3 notícias diferentes publicadas no Facebook pelas páginas oficiais de veículos de comunicação: um homicídio de caráter homofóbico, um estupro coletivo e um ato de tortura contra um suspeito de furto.

2 NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

A primeira notícia refere-se a um assassinato de caráter homofóbico de um adolescente de 17 anos, expulso de casa pela mãe, que não aceitava sua orientação sexual. Atraído para uma emboscada, ao chegar em sua casa foi morto a facadas por dois adolescentes contratados por ela. Para livrarem-se das evidências do crime, a mãe e o padrasto incendiaram e esconderam o corpo. Abaixo seguem os comentários extraídos da publicação do portal de notícias G1 no dia 12 de janeiro de 2017:

C1 – Não acredito na mídia deste país que é tendenciosa e manipuladora. O crime às vezes aconteceu por outro motivo, mas esta mídia lixo insiste colocar a questão sexual como bandeira para engrandecer a FALSA CAUSA de homofobia. Tudo pra vocês é homofobia, racismo, islamofobia e preconceito. #MídiaFake.

C2 – E o fato dele ser usuário de drogas e levar homens pra casa... Não conta né? É só porque ele é gay... Ah tá... Se ele tivesse trabalhando e com responsabilidade podia dar pra quem ele quisesse mas hoje em dia não termina nem o estudo e já acha que é dono do mundo [/sic].

C3 – Ser afeminado, gay, homossexual, sei lá como chamar isso, no Brasil é um suicídio passivo, ainda mais quando querem mostrar que são ou quando ficam em locais públicos fazendo o que se deve fazer entre 4 paredes. Não quero ofender ninguém, apenas tentar dizer a verdade da nossa realidade, doa a quem doer.

A segunda notícia diz respeito ao caso de uma adolescente de 16 anos que foi dopada e estuprada por 33 homens em uma comunidade do Rio de Janeiro (RJ). A garota depôs à polícia após a publicação de um vídeo nas redes sociais, no qual se encontra nua, ferida e desacordada, em meio a um grupo de homens que ri e toca em suas partes íntimas. Profundamente abalada, relatou sentir “fortes

dores internas, como se fosse no útero”. Os comentários a seguir foram extraídos da publicação feita pela Folha de São Paulo no dia 27 de maio de 2016.

C4 – Pagando de santinha? E as foto de fuzil, pistola e o caralho a 4 ninguém fala, né? Vai toma no rabo, biscate da favela do caralho! [/sic]

C5 – Menina já é mãe aos dezesseis anos e não é santa e usuária de drogas ela si colocou nessa posição si tivesse em casa cuidando da filha dela nada teria acontecido. [/sic]

C6 – Mulheres e meninas, pelo amor de Deus não andem com esse tipo de gente, uns cara cheirador, fumando pedra e maconha, depois acontece essas coisas aí fica todo mundo revoltado, vamo se cuidar aí, moçada, gosta de ser chamada de novinha e tudo mais daí cai na mão de uns cachorro desses aí e se lasca, juízo mulherada do meu Brasil. Não adianta colar cartazinho isso não comove estuprador, esse tipo de gente só entende uma linguagem: o fumo no rabo deles. [/sic]

A terceira notícia trata do caso de um adolescente de 17 anos que teve a testa tatuada com os dizeres “Eu sou ladrão e vacilão” por um tatuador e seu vizinho, além de ter tido o cabelo cortado e os pés e mãos amarrados. Os agressores alegaram que o rapaz teria tentado furtar uma bicicleta na região, por isso resolveram puni-lo. Segundo o relato dos familiares, ele era usuário de drogas e sofria de problemas mentais. Os comentários foram extraídos da notícia publicada pelo G1 no dia 11 de junho de 2017:

C7 – Ahhh coitadinho dele, vítima da sociedade... Ah globo para de defender vagabundo, quero ver se essa porcaria de gente entra na casa de alguém, aterroriza, bate, até mesmo mata algum trabalhador... Isso é lixo... Devia fazer isso em todos esses trombadinhas... Cambada de vagabundos... E sua matérias vitimizando vagabundos dão ainda mais nojo de assistir. Vai fazer matéria sobre o deficiente físico que essa porcaria tentou roubar... Defende vagabundo, é vagabundo também.[/sic]

C8 – Aquela campanha 'Adote um Bandido', se encaixa direitinho nesse caso. A sociedade aplaude quem rouba, quem mata, e quem tortura, mas repudiam quem faz justiça com as próprias mãos! Por favor, vamos parar com essa palhaçada, no dia que acontecer na casa de quem defende quero ver se não vão agir da mesma forma.

C9 – Nossa, agora o menino é santinho. Estava apenas bêbado, desaparecido e a família alega que é usuário de drogas. Os caras fizeram isso tudo de graça? Pois o menino judiação, estava voltando da igreja. Ah para né, sociedade imbecil.

3 DISCURSOS DE ÓDIO

Os discursos de ódio não são direcionados apenas à vítima do crime, como se poderia presumir, mas a grupos sociais específicos. Os discursos têm como base o imaginário social que os sujeitos têm sobre esses grupos, fundamentado sobretudo por ideias generalizantes, tais como estereótipos, preconceções e preconceitos, provenientes de formações discursivas e ideológicas distintas. A reprodução de discursos genéricos revela uma tentativa de impedir que se construam outras possíveis interpretações, produzindo um efeito de transparência do sentido e colocando o interlocutor em um determinado lugar em relação ao desejo e à ideologia. Existe um imaginário construído ideologicamente que interpela o sujeito do discurso, que sem ter consciência do que faz, em dada condição se identifica com a classe hegemônica e, em outra, com a classe dominada, colocando-se em posições específicas de produção de sentidos. Por meio dos genéricos discursivos as marcas da



enunciação são apagadas, passando a impressão de um dizer objetivo e de uma verdade universal (TFOUNI; LIGEIRO; MONTE-SERRAT, 2013).

Sobre a propagação de tais discursos, há uma influência midiática fortemente presente, uma vez que as visões distorcidas dos internautas são, em parte, produto do próprio discurso da mídia. Esta atua sobre o processo de produção das identidades sociais através do fornecimento de modelos que ditam como os sujeitos devem ser e agir. Esses modelos possuem uma utilidade social, pois instituem paradigmas, estereótipos e essas formas de agir e de pensar inserem o sujeito simbolicamente em uma comunidade imaginária. Os discursos midiáticos contribuem para que haja uma regulamentação de saberes sobre o uso que os indivíduos devem fazer de seus corpos e vidas, além da construção das posições que devem ser ocupadas por homens e mulheres em suas relações com os outros. Os dizeres e fazeres estão inseridos em dadas formações discursivas, então é por meio do discurso que se constituem os saberes de um dado momento histórico (GREGOLIN, 2007).

Dependendo das condições em que os discursos são produzidos, possibilita-se que determinados conteúdos sejam enunciados e que outros sejam ocultados pelas pessoas ou coletivos. Portanto, a omissão ou a exposição de algumas ideias em detrimento de outras são estratégias que controlam os sentidos e as verdades que se fazem presentes em cada momento da história (GREGOLIN, 2007). Assim, a própria mídia exerce um importante papel sobre o que deve ser censurado ou exposto em dada época. No entanto, não somente a influência da mídia tradicional e dos veículos paralelos de circulação de conteúdos, distribuidores das chamadas *fake news*, seria suficiente para estimular a propagação dos discursos. Devido às características particulares dos dispositivos eletrônicos, como a mobilidade e o acesso direto à internet, considerando-se a alta velocidade com que as informações circulam no meio virtual, as barreiras da comunicação são reduzidas, de modo a potencializar o envio e recebimento de mensagens em tempo real.

Vociferar discursos de ódio na internet é uma forma de manter-se na mesma posição, conservando as mesmas opiniões. Desse modo evita-se entrar em contato com a alteridade, que em princípio o sujeito recusa-se a aceitar e que motiva a reprodução do ódio. A função da disseminação de ódio é a de proteger o sujeito dessa alteridade que o invade, e que ataca intimamente o seu narcisismo primário. O ódio pressupõe um processo de identificação. A partir do momento em que o sujeito identifica-se com determinado posicionamento discursivo, ora partidário dos grupos sociais majoritários, ora favorável aos grupos sociais minoritários, ele diferencia quem representa o “nós”, seu grupo de pertencimento, e quem são “eles”, os outros. Então, a ameaça que a alteridade lhe oferece parece remeter a uma ideia de contaminação pela diferença, um potencial risco de adquirir para si as características “desagradáveis” que aponta no outro. Essas características que marcam a alteridade do outro adquirem um caráter de tabu. Ao transgredirem dadas convenções sociais, que frequentemente estão vinculadas a tabus da sociedade, ou seja, ao fazerem algo supostamente proibido, as pessoas



mesmas tornam-se tabus. Como já preconizado por Freud em *Totem e Tabu* (1913), o atributo perigoso ao qual o tabu está ligado é precisamente a tendência a excitar a ambivalência dos indivíduos, que são tentados a transgredir a proibição. Nesse sentido, quem violar o “tabu”, torna-se também um tabu, por adquirir essa perigosa qualidade de causar nos outros a tentação de transgredir as regras, incentivando à imitação.

Nos comentários analisados foi observado um padrão baseado na justificativa dos crimes pelo suposto “merecimento” das vítimas, que ao burlarem normas sociais, tornam-se as figuras de exceção. A moralização presente nos discursos pressupunha que, se as vítimas estivessem fazendo algo considerado útil para a sociedade, poderiam ter evitado o crime.

Ao distinguirem entre quem faz parte de seu grupo de pertencimento e quem não faz, os sujeitos criam dois extremos: um lado estritamente bom, ao qual pertencem, e um outro completamente ruim, onde os outros se encaixam. Colocam-se no lugar de “cidadãos de bem” e expõem seus preconceitos de forma a posicionarem as vítimas no lugar da figura oposta, encarada como tabu. Os comentários podem ser considerados como uma tentativa de mimetizar argumentos racionais, não possuindo de fato uma fundamentação consistente. Na busca pelo não dito encontram-se vestígios de uma argumentação calcada em preceitos religiosos e de uma mera desqualificação das pessoas por suas características pessoais.

4 CONTEXTO NACIONAL

Nos últimos anos o Brasil vem enfrentando uma extrema polarização política, que paulatinamente entrou em evidência a partir das manifestações de 2013 pela redução de 20 centavos no valor das passagens de ônibus, tendo seu ápice no período de disputas eleitorais presidenciais em 2014. De lá para cá, diversas mudanças aconteceram e o país tem passado por instabilidades políticas, econômicas e sociais. Com todos esses acontecimentos, dentre eles a vitória nas urnas e o posterior impeachment de Dilma Rousseff, as confrontações ideológicas se intensificaram e, um dos produtos dessas disputas são os discursos de ódio. A maior fonte desses discursos é a internet, embora também venham repercutindo no cotidiano real das pessoas.

A perspectiva histórica mostra que o país passou por um momento inicial onde discriminações e violências ocorriam livremente pela falta de aparatos legais de proteção social, exacerbado por uma censura que, durante a ditadura militar, barrou qualquer tipo de movimentação social ou política. Com a redemocratização que culminou na Constituição de 1988, muitas dessas violências foram impedidas, e se pôs fim ao cerceamento da liberdade de expressão. Foi nesse período, ao final do século XX, em que outros países da América Latina e da Europa também já haviam passado por regimes ditatoriais, que importantes marcos em relação aos direitos humanos foram conquistados no Brasil e no mundo. Entretanto, o mesmo direito à liberdade de expressão, que protege a liberdade individual, permite que

as pessoas profiram discursos de ódio em nome de uma suposta “opinião pessoal”. Como as pessoas precisam livrar-se das moções hostis não elaboradas para garantir a manutenção de seu equilíbrio psíquico, mas temem as sanções resultantes, a internet tornou-se o meio onde podem expor seus posicionamentos preconceituosos e extremistas, ancorados pelo anonimato da rede. Assim, a sociedade passa por um momento em que determinados conteúdos, outrora reprimidos, aparecem sob a forma de discursos de ódio.

Expressar-se nas redes sociais é muito mais simples e seguro do que proferir discursos diretamente às pessoas. Então, a condição de produção imediata dos discursos ocorrer em ambiente virtual possibilita um rebaixamento da censura dos indivíduos sobre os seus dizeres. Pode-se fazer uma analogia com o papel que a cultura exerce sobre a censura de conteúdos do inconsciente, bem como sobre os conteúdos que são conscientemente ocultados da fala dos sujeitos na ânsia de evitarem alguma punição. A partir da infância, o ser humano pouco a pouco começa a internalizar a coerção externa, o que resulta na construção de uma instância psíquica de caráter moral, o *supereu* (ou superego). Por meio desse processo, as crianças tornam-se seres sociais e morais e, esse fortalecimento do supereu pode ser considerado um patrimônio psicológico da cultura (FREUD, 1927).

Por meio do supereu a cultura projeta suas normas e valores sobre a conduta dos indivíduos, e esses, que, ainda que possam acreditar estarem expondo um ponto de vista particular, assentado em uma verdade universal, na realidade estão apenas reproduzindo um conjunto de valores provenientes de determinado momento histórico, vinculado a determinadas formações ideológicas. O que acontece é que a ideologia interpela o sujeito de tal forma que, até mesmo quando não se assume um posicionamento, já está evidenciado que há aí um movimento ideológico. Mesmo a omissão ou negligência implicam que o sujeito se localize, se responsabilize, revelando o desejo. Por conseguinte, não assumir um posicionamento também é um posicionamento.

Através do início do processo de criminalização da violência contra grupos sociais minoritários, criou-se a falsa impressão de que não mais existiriam preconceitos. Por outro lado, o fenômeno da disseminação de discursos de ódio não indica que hoje em dia as pessoas estejam mais intolerantes do que anteriormente, visto que os preconceitos e estigmas sempre constituíram parte da estrutura social. O que determina o que é ou não dito pelas pessoas não se restringe aos seus posicionamentos individuais, tendo como grande influência o momento histórico e social.

5 DESDOBRAMENTOS ATUAIS

Alguns autores consideram que a sociedade atual está passando por uma “crise de identificações”. Segundo Pedrossian (2008), os indivíduos não mais tentam identificar-se uns com os outros, mas tentam encaixar-se em tipos de configurações psíquicas demandadas pela sociedade em prol de um padrão estabelecido, de modo a tornarem-se indiferenciados e assujeitados. Nesse contexto,

as relações sociais passam a ser guiadas por uma lógica instrumental, em que procura-se formalizar a razão em um meio social que propaga a irracionalidade.

A identificação é um mecanismo primordial para que se mantenham vivos os laços sociais, por ser a base da formação social e cultural, permitindo a sublimação das pulsões sexuais. Também está ligada à premissa de igualdade entre os indivíduos, da qual se que origina o sentimento social, citado por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). Nesse sentido, a identificação funcionaria como uma espécie de cola social, cuja escassez na sociedade contemporânea se refletiria em indiferença e em indiferenciação. Com a flexibilização cada vez maior dos parâmetros sociais proporcionados pela identificação, que orientava sobre suas constituições psíquicas e escolhas ao longo da vida, os indivíduos passaram a basear-se ainda mais sobre os preceitos impostos por uma estrutura social mais ampla, ou seja, por outras instâncias normativas que não a de seus pares. Esse fenômeno gera uma divergência de padrões a serem seguidos, o que favorece um sincretismo de ideias. Assim, as pessoas passam a possuir valores e posicionamentos antagônicos entre si e, dessa maneira, se sentem perdidas ao tentar conciliar diferentes demandas entre as diversas instâncias que se colocam como ditadoras do que deve ser dito, realizado ou pensado.

Por um lado, há indivíduos que a princípio não conseguem identificar-se com determinados grupos sociais, gerando uma enorme angústia pela ausência do sentimento de pertencimento, tão importante para que não se sintam confinados ao isolamento. Por outro, também existem aqueles que, para evitar a angústia, se mantêm ligados a formações de massa específicas, aceitando acriticamente tudo o que lhes é imposto. A ausência de parâmetros, portanto, é motivo de angústia. No passado, ainda que houvessem diversas restrições e censuras, instâncias sociais atuavam mais firmemente sobre o papel de prescrever como deveriam ser os caminhos das pessoas, assegurando uma previsibilidade às vidas dos indivíduos, que sabiam como seriam suas vidas do início ao fim, sem espaço para o inesperado. Por mais que igualmente reclamassem sobre as imposições feitas à sua geração, suas moções hostis tinham alvos específicos para serem direcionadas.

Há, portanto, um movimento de indivíduos que clamam por uma figura de autoridade que lhes diga o que fazer, que nomeie suas possibilidades e lhes imponha limites, objetivando, com isso, trazer de volta uma segurança psíquica idealizada. Por haver tantas diferentes possibilidades de ser e agir por um lado e, por outro, diversas prescrições de padrões, os sujeitos acabam paralelamente apropriando-se de discursos ligados a formações ideológicas divergentes entre si. Por mais que, atualmente, esteja presente um avanço em relação aos direitos humanos, respeito às diferenças e liberdade individual, a maior liberdade de escolha exige um preço a se pagar, custoso à economia psíquica dos indivíduos. Inicialmente os sujeitos se mantinham limitados a posições das quais não poderiam sair, enquanto atualmente tudo é muito flexível e indefinido. Os extremismos, tão fortemente presentes, seriam uma



forma de tentar retomar padrões anteriores, onde a segurança psíquica era forjada por forças externas que ditavam aos indivíduos as regras do que ele deveria ser e fazer.

Quando os imperativos lançados sobre a conduta dos indivíduos eram mais específicos e incisivos, os tipos de proibições e de demandas impostas pela sociedade eram outros. Sempre existirão determinadas normas sociais que deixarão de ser consideradas proibições em detrimento de outras, que assumirão o seu lugar. Entretanto, alguns indivíduos tentam reivindicar o caráter proibitivo de outrora. Ainda que as proibições sejam culturais, dependentes do momento histórico, as pessoas têm a ilusão de que são verdades incontestáveis, apagando o caráter histórico das convenções e regras sociais. O uso da Bíblia como justificativa para a disseminação de ódio e intolerância exemplifica bem esse apagamento. Por mais que seja um objeto simbólico construído com base em valores de uma época distinta, alguns utilizam suas passagens para argumentar a favor de seus preconceitos particulares. Ao adotarem valores por conveniência, apenas se deixam comover por crimes e violências que sejam “compatíveis” com suas formações ideológicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como desvencilhar-se de formações ideológicas, visto permearem quaisquer formações discursivas das quais o sujeito se apropriar. Entre aqueles que mantêm-se ligados a valores ultrapassados da grande massa - ainda que os mesmos já tenham perdido sentido até para eles, há uma insistência em sua manutenção e propagação como fins em si mesmos, como se, por meio de sua repetição incessante, em dado momento pudessem alcançar um ideal de moralidade.

Tais discursos compartilham paradigmas, estereótipos e propõem uma normatização nas formas de agir e de pensar. Como consequência, a propagação dos mesmos por meio da internet, – lugar virtual que, supostamente, protege o usuário pelo anonimato da rede - gera no sujeito um sentimento de pertencimento a determinado grupo social – os “seus iguais” – e o insere em uma comunidade imaginária. Amparado e estimulado por essa “comunidade”, o indivíduo se autoriza apregoar e propagar discursos de ódio contra aqueles que não compartilham o seu ideal e suas crenças.

A reprodução e a disseminação de discursos genéricos, desprovidos de criticidade, sem preocupação com a distinção entre fatos e boatos, e a aguerrida oposição a quaisquer questionamentos ou ao contraditório revelam a tentativa de impedir que se construam outras possíveis interpretações que possam produzir um efeito de transparência e de sentido e, conseqüentemente, desvelem ao interlocutor o seu lugar em relação ao desejo e à ideologia que sustenta e perpassa o seu grupo de pertencimento.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

FREUD, S. El malestar en la cultura (1930). In: _____. *Obras completas vol. XXI: el porvenir de una ilusión, el malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 57-140.

FREUD, S. El porvenir de una ilusión (1927). In: _____. *Obras completas vol. XXI: el porvenir de una ilusión, el malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-55.

FREUD, S. *Psicología de las masas y análisis del yo (1921)*. In: _____. *Obras completas vol. XVIII: más allá del principio de placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922)*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 63-136.

FREUD, S. *Tótem y tabú (1913)*. In: _____. *Obras completas vol. XIII: tótem e tabú y otras obras (1913-1914)*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 1-162.

GREGOLIN, M. R. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. *Comunic., míd. e consum.*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PEDROSSIAN, D. R. S. *O mecanismo da identificação: uma análise a partir da teoria freudiana e da teoria crítica da sociedade*. *Inter. Ação*, v. 33, n. 2, p. 417-442, 2008.

TFOUNI, L. V.; LIGEIRO, J. L.; MONTE-SERRAT, D. M. *A homossexualidade na rede – discursos generalizantes e a interpelação pela ideologia*. *Intersecções*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 5-16, nov. 2013.